

O MARCADOR INTERACIONAL “VEM CÁ” NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Vanessa Hagemeyer Burgo, Sheyla Cristina Araujo Matoso, Fernanda Camargo Aquino

vanessa.hagemeyer@ufms.br, sheyla.matoso@ufms.br, fernanda.aquino@ifms.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

V Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2025

Resumo. Este trabalho tem por objetivo discutir as funções do marcador interacional “vem cá” na Língua Brasileira de Sinais (Libras), observado em interações entre pessoas surdas. A fundamentação teórica está ancorada nos pressupostos da Análise da Conversação, e o corpus analisado é formado por vídeos do projeto “Corpus de Libras”, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina e disponibilizado online. Os resultados revelam que o marcador “vem cá” é orientado ao interlocutor e desempenha funções relevantes na gestão da interação, como sinalizar o início do turno e organizar a tomada de fala. Além disso, atua como marcador de envolvimento, sendo utilizado para chamar a atenção do interlocutor e/ou obter seu apoio ao longo da conversação.

Palavras-Chave. marcador interacional; Língua Brasileira de Sinais; pessoas surdas.

Abstract This study aims to discuss the functions of the interactional marker “vem cá” in the Brazilian Sign Language (Libras), observed in interactions among deaf individuals. The theoretical framework is grounded in the assumptions of Conversation Analysis, and the analyzed corpus consists of videos from the “Corpus de Libras” project, developed by the Federal University of Santa Catarina and made available online. The findings show that the marker “vem cá” is oriented toward the interlocutor and plays relevant roles in the management of interaction, such as signaling the beginning of a turn and organizing turn-taking. Furthermore, it functions as an involvement marker, being used to attract the interlocutor’s attention and/or to seek their support throughout the conversation.

Keywords. interactional marker; Brazilian Sign Language; deaf individuals.

Resumen. Este trabajo tiene como objetivo discutir las funciones del marcador interaccional “vem cá” en la Lengua de Señas Brasileña (Libras), observado en interacciones entre personas sordas. El marco teórico se fundamenta en los supuestos del Análisis de la Conversación, y el corpus analizado está compuesto por videos del proyecto “Corpus de Libras”, desarrollado por la Universidad Federal de Santa Catarina y disponible en línea. Los resultados revelan que el marcador “vem cá” se orienta al interlocutor y cumple funciones relevantes en la gestión de la interacción, como señalar el

inicio del turno y organizar la toma de la palabra. Además, actúa como marcador de involucramiento, utilizándose para captar la atención del interlocutor y/o para obtener su apoyo a lo largo de la conversación.

Palabras clave. *marcador interaccional; Lengua de Señas Brasileña; personas sordas.*

1. Introdução

O interesse por esta investigação surgiu com o objetivo de valorizar e divulgar iniciativas voltadas à análise e descrição da Libras, reconhecendo que tais ações contribuem para a preservação da língua e para seu reconhecimento tanto pelos usuários quanto pela sociedade. Diante da necessidade de estratégias mais consistentes para ampliar sua visibilidade, a disseminação de pesquisas dessa natureza revela-se de grande relevância para a consolidação do status linguístico e social da Libras. Nesse sentido, Quadros et al. (2018, p. 49) destacam que “a socialização é fundamental, pois, além de garantir a difusão da Libras, dá visibilidade e constitui um instrumento de políticas linguísticas de status, de corpus, de aquisição e de atitude”. Os autores acrescentam que, ao realizar pesquisas e registros sobre a Libras, “estamos valorizando essa língua, disseminando-a e tornando-a mais empoderada”.

As atividades conversacionais nas línguas de sinais apresentam propriedades dialógicas que se diferenciam daquelas observadas nas línguas orais-auditivas, evidenciando a importância de estudar o processo de construção dessas línguas e os elementos que as constituem. Segundo Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, como tais, compartilham diversas características comuns, ao mesmo tempo em que apresentam traços específicos que as diferenciam de outros sistemas de comunicação.

O presente estudo tem como finalidade analisar as funções do marcador interacional “*vem cá*” na Língua Brasileira de Sinais (Libras), a partir de interações entre pessoas surdas. A pesquisa está fundamentada nos princípios da Análise da Conversação, e o *corpus* examinado consiste em vídeos do projeto “*Corpus de Libras*”, elaborado pela Universidade Federal de Santa Catarina e disponibilizado online. Para a transcrição dos dados, utilizamos o software ELAN (*Eudico Language Annotator*), do *Max Planck Institute*, que permite a análise detalhada dos vídeos e auxilia na transcrição e tradução da Libras. Seleccionamos vídeos com tópicos discursivos livres, de modo a observar a conversação de forma mais espontânea, e, em seguida, realizamos a transcrição e a tradução dos trechos para o

português.

2. Línguas de Sinais: Processos de Constituição

As línguas de sinais não possuem caráter universal; cada país desenvolve sua própria língua, baseada em aspectos linguísticos e culturais específicos de seu contexto geográfico e social. A crença na universalidade dessas línguas, como apontam Quadros e Karnopp (2004) e, posteriormente, Gesser (2009), é uma das ideias mais recorrentes associadas às línguas de sinais. Esse equívoco decorre da visão simplista de que “toda língua de sinais é um ‘código’ simplificado, apreendido e transmitido aos surdos de forma geral; é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo” (Gesser, 2009, p. 11). A autora questiona por que tais concepções não são aplicadas às línguas orais, já que raramente se questiona o número de línguas e dialetos existentes globalmente nessa modalidade. Ela sugere, ainda, que essas ideias provavelmente refletem uma tendência de simplificar a riqueza linguística presente nas línguas de sinais.

Nos estudos de Quadros e Shimiedt (2006, p. 15), é apresentada a definição de Chomsky (1986), que conceitua a linguagem como o conhecimento que um indivíduo possui, tornando-o capaz de se expressar por meio de uma língua. Trata-se de um sistema linguístico altamente recursivo e regido por regras, capaz de gerar criativamente um número infinito de frases. A língua, assim, é compreendida como um sistema intrínseco e inseparável do aprendizado humano. Lyons (1981), apud Quadros e Karnopp (2004, p. 25), complementa:

pode-se usar a língua para dar vazões as emoções e sentimentos; para solicitar a cooperação de companheiros; para ameaçar ou prometer, para dar ordens, fazer perguntas e afirmações. É possível fazer referência ao passado, presente e futuro; a realidade remota em relação à situação de enunciação – até mesmo coisas que não existem. Nenhum outro sistema de comunicação parece ter, sequer de longe, o mesmo grau de flexibilidade e versatilidade.

Góes (1996, p. 32), ao discutir a linguagem com base nos pressupostos teóricos de Vygotsky, destaca que as experiências linguísticas nas relações sociais contribuem, desde os primeiros momentos de vida, para a formação global do indivíduo. Nesse sentido, “a

linguagem participa da constituição do pensamento e repercute sobre as funções mentais, propiciando transformações na atenção, na memória, no raciocínio”.

Ao analisar estudos sobre as línguas de sinais, é igualmente fundamental considerar a comunidade surda, incorporando ao debate as concepções que constituem uma língua. Essa reflexão vai além do viés gramatical, da arbitrariedade linguística ou de um sistema de signos. Considerando que uma língua natural é formada por múltiplos elementos constitutivos, compreende-se, como observa Campelo (2019, p. 17), que nas línguas de sinais “as mãos em movimento [...] servem como ferramenta de comunicação: sinalizar, conversar, fazer graça, tocar (para chamar a atenção), acenar, driblar num jogo, consolar, com seus infinitos diálogos”.

Nesse contexto, Quadros (2017, p. 42) destaca que os usuários de Libras estão distribuídos por todo o Brasil. Esses indivíduos configuram-se como sinalizantes ao integrarem comunidades surdas em diferentes localidades, especialmente nos grandes centros urbanos. Compreender que uma língua está sempre enraizada nas questões culturais que a constituem permite um debate capaz de romper diversos estereótipos e preconceitos associados às línguas de sinais e aos próprios surdos. Conforme Gesser (2008, p. 230):

infelizmente, os surdos têm sido narrados e definidos exclusivamente a partir da realidade física da falta de audição e, portanto, aos olhos da sociedade majoritária ouvinte, têm sido vistos exclusivamente a partir desse fato. O efeito disto é que os surdos e as línguas de que fazem uso (LIBRAS e português escrito/oral) tornam-se telas em branco para a projeção do preconceito cultural e do discurso da “normalização”.

Como língua natural, a investigação linguística da Libras busca evidenciar os aspectos estruturais e funcionais que caracterizam uma língua em uso, considerando não apenas suas regras formais, mas também sua atuação em contextos comunicativos reais. No caso da Libras, essa análise envolve observar como a língua se manifesta na modalidade visual-espacial e como é empregada pelas comunidades surdas, refletindo mudanças sociais, culturais e cognitivas que moldam a produção, compreensão e interpretação dos sinais. É essencial levar em conta a variação linguística entre diferentes contextos e grupos de sinalizantes, bem como as estratégias utilizadas para negociar sentido e significado durante a comunicação. Nesse sentido, o estudo da Libras permite aprofundar a compreensão de seus constituintes, das funções comunicativas que desempenham e da dinâmica de sua utilização,

revelando como a língua se renova, se adapta e se mantém funcional e relevante em seu contexto social e cultural.

3. MARCADORES DISCURSIVOS

Os marcadores discursivos (MDs) desempenham tanto funções estruturais, ligadas à organização da sequência discursiva, quanto funções interacionais, relacionadas à dinâmica entre os interlocutores. MDs são “construções que emergem da fala em interação e assumem funções de atrair para si a, ou aproximar-se da atenção do interlocutor, planejando, mantendo e organizando a interação falante/ouvinte no processo de interação” (Freitag, Silva e Evangelista, 2017, p. 58). Os MDs não se restringem a uma única categoria gramatical, pois exercem funções variadas na conversação. Podem incluir conjunções, preposições, advérbios, verbos, expressões não verbais, estruturas sintáticas e fenômenos prosódicos, entre outros elementos. São considerados, portanto, como uma classe funcional de significativa importância comunicativa (Snichellotto; Gorski, 2011).

Schiffrin (2001) indica que, apesar de possuírem funções iniciais ligadas aos seus significados semânticos, os MDs são, por natureza, multifuncionais, atuando em distintos níveis do discurso. Eles auxiliam na integração dos diversos processos simultâneos presentes na produção do discurso e contribuem para a manutenção da coerência. A autora postula que:

Embora os marcadores possuam funções primárias (por exemplo, a função primária de *and* atua no plano ideacional, a função primária de *well* no quadro de participação), seu uso é multifuncional. É justamente essa multifuncionalidade em diferentes planos do discurso que contribui para integrar os diversos processos simultâneos envolvidos na construção do discurso e, assim, auxilia na criação da coerência¹ (Schiffrin, 2001, p. 58) (tradução nossa).

De acordo com Freitag, Silva e Evangelista (2017), os MDs interacionais são recursos linguísticos que atuam no replanejamento, correção ou continuidade da fala. Dessa

¹ although markers have primary functions (e.g. the primary function of *and* is on an ideational plane, the primary function of *well* in the participation framework), their use is multifunctional. It is this multifunctionality on different planes of discourse that helps to integrate the many different simultaneous processes underlying the construction of discourse, and thus helps to create coherence.

forma, permitem ao falante explicitar suas perspectivas e atitudes, garantindo a sustentação das posições assumidas diante do conteúdo, verificando a atenção do interlocutor à mensagem e orientando quanto à natureza da conexão entre as unidades textuais.

Freitag (2009, p. 4) salienta que os MDs não devem ser vistos como simples preenchimentos ou pausas na fala. A autora assevera que:

Sob o escopo dos marcadores discursivo se insere a categoria dos requisitos de apoio discursivo (MACEDO; SILVA, 1996), marcadores discursivos de natureza basicamente interpessoal, caracterizados por desempenhar funções relacionadas à organização da fala, nos planos: a) interpessoal, atuando como elemento de contato entre os interlocutores, pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional (MACEDO; SILVA, 1996); b) interpessoal e textual, solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto dando relevo, na função de focalização, àquilo que os antecede (TRAVAGLIA, 1999; VALLE, 2001; GORSKI; GIBBON, VALLE, DAL MAGO; TAVARES, 2003); c) rítmico, atuando como marcadores de ritmo (formas automatizadas), ou ‘pontuantes’, perdendo sua modulação interrogativa (VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993). (Freitag, 2009, p. 4).

Marcuschi (2007, p. 62) observa que os recursos verbais usados como marcadores ocorrem com frequência e recorrência, destacando que “não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimento do tópico, mas situam-no no contexto geral, particular ou pessoal da conversação”. Assim, a organização dessa construção verbal é intencional, com os marcadores funcionando como articuladores da interação e monitoramento da fala, sendo considerados “organizadores globais” da fala (Castilho, 2016, p. 46). Esses elementos podem desempenhar diversas funções, como indicar a temporalidade na organização do pensamento, sustentar ou retomar o turno de fala, monitorar a receptividade da mensagem, marcar ideias e interesses comunicativos, e atuar como ferramentas que favorecem a interação entre os interlocutores.

Preti (1999, p. 233) define os marcadores como “vocábulos ou expressões fixas e estereotipadas, que podem ser desprovidos de seu conteúdo semântico e de função sintática, e que permitem ao falante tomar e iniciar o turno, mantê-lo e encerrá-lo, bem como envolver os parceiros na conversação”. São elementos típicos da fala, que funcionam como articuladores das unidades cognitivo-informativas do texto e como orientadores da interação. O pesquisador ressalta que, apesar de apresentarem certa liberdade posicional na fala, “a frequência com que certos marcadores ocorrem em determinadas posições tem levado os

estudiosos a classificarem-nos como iniciais, mediais e finais em relação às unidades linguísticas com as quais eles estão envolvidos” (Preti, 1999, p. 90).

Segundo Risso, Silva e Urbano (1997, p. 21), os marcadores discursivos (MDs) constituem um conjunto diversificado de elementos verbais, abrangendo “sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem”. Esses elementos não apenas organizam e estruturam o discurso, mas também desempenham funções interacionais fundamentais, articulando sentidos, intenções e a dinâmica entre os interlocutores. Assim, os MDs revelam-se instrumentos centrais para a construção da coerência textual e para a mediação das relações comunicativas, integrando dimensões cognitivas, pragmáticas e sociais da linguagem.

4. Análise dos Dados

Os três excertos disponibilizados abaixo são conversas retiradas de diálogos com duplas diferentes. A função, nos casos apresentados, é a mesma, de tomada de turno, considerada por Castilho (2020) como exemplo de MDs iniciais, que exercem a função de chamar a atenção, tomando o turno da conversação, no caso da Libras, pelo sinal apresentados na figura abaixo, que representa o sinal de “CHAMAR”.

Figura 1: Sinal de “CHAMAR” (vem cá)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Excerto 1:

Sinalizante 1 (Libras): CHAMAR IX(lá) ESCOLA SURDO OUVINTE SEPARADO PORQUE &(face-interrogação) 2 BRIGAR ERRADO &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP²): Vem cá... lá na escola tem a discussão de surdos e ouvintes estudarem separados... essa discussão não está errada?

Sinalizante 2 (Libras): JÁ DIFERENTE SURDOS ESCOLA SÓ SURDOS SINALIZAR CONSEGUIR ADQUIRIR LÍNGUA CONSEGUE PRIMEIRA LÍNGUA DEPOIS SEGUNDA LÍNGUA ALFABETIZAR PORTUGUÊS APRENDER IX(ali) OUTRA OUVIR FALAR OUVIR SABER ESCREVER INGLÊS VÁRIAS DISCIPLINAS SE JUNTAR DOIS JUNTAR OUVINTE SURDO JUNTAR NÃO &(face-negação) APRENDER DIFERENTE IDENTIDADE+ IX(aqui) IX(ali) OUVINTE PRÓPRIO FALAR SURDO PRÓPRIO LIBRAS SE JUNTAR NEGATIVO SURDO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Já tem diferença... surdos estudando em escola só de surdo ele consegue adquirir a língua sinalizada como primeira língua... depois ser alfabetizada em língua portuguesa... na escola de ouvintes eles vão aprender ouvindo e falando... aprender inglês e outras disciplinas... se juntar os ouvintes e surdos não aprende... são diferentes... têm identidades diferentes... identidade do ouvinte vem pela fala oralizada... o surdo pela Libras... se juntar não é negativo para o surdo

Excerto 2:

Sinalizante 1 (Libras): CHAMAR VAMOS JUNTOS VIAGEM GOIÁS QUANDO &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Vem cá... quando vamos conseguir viajar juntas para Goiás?

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO DESCULPAR TRISTE &(face-tristeza) JÁ COMBINAR GRUPO FAMÍLIA JUNTO VIAJAR CARNAVAL

Sinalizante 2 (Tradução LP): Então... desculpe... estou triste já havia combinado com grupo da minha família que iria viajar no carnaval junto com eles

Excerto 3:

Sinalizante 1 (Libras): CHAMAR ASSOCIAÇÃO AJUDAR &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Vem cá... a associação ajudou?

Sinalizante 2 (Libras): NÃO &(face-negação) FAMÍLIA AJUDAR

Sinalizante 2 (Tradução LP): Não... a família que ajudou

Sinalizante 1 (Libras): FAMÍLIA AJUDAR IX (você)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Família que ajudou você

² LP: Língua Portuguesa

Sinalizante 2 (Libras): SIM FAMÍLIA &(face-afirmação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim... a família

Castilho (2016, p. 33-34) ressalta que uma característica recorrente da conversação é a sua imprevisibilidade, frequentemente modulada pela receptividade e pela intenção do interlocutor. O autor observa que “ao longo da conversação tomamos decisões ao mesmo tempo em que a estamos executando [...]. Construimos nossa participação numa conversa a partir da recolha e da análise dessas informações, numa atividade automática”. Nesse contexto, à medida que a interação se desenvolve, o sinalizante identifica a necessidade de assumir o turno e recorre a elementos linguísticos para tanto. Os exemplos apresentados evidenciam esse recurso de “chamada” de atenção, empregado para introduzir novos tópicos.

O MD “vem cá” integra o conjunto dos marcadores interpessoais, cuja função é administrar os turnos conversacionais, assinalando, em especial, o início do turno. Nesse contexto, pode ocorrer em pré-sequências, como em “olha!...”, “escuta”, “vem cá”, “nós queríamos saber”, “e aí?”; em sequências de propostas de assunto (“vamos dizer o seguinte”); de aceitação (“bom”, “tá”, “tá certo”); e de recusa (“negativo”, “desculpe... mas”, “tá certo... só que”) (Castilho, 1989, p. 273).

No excerto (1), observa-se uma marcação de chamada para introduzir o tópico referente à discussão ocorrida na escola, quando o sinalizante 1 questiona o sinalizante 2 sobre a possibilidade de equívoco na discussão. Situação semelhante ocorre no excerto (2), em que o sinalizante 1 inicia o turno com um questionamento sobre a data de uma possível viagem. Em ambos os casos, os sinalizantes utilizam o MD “vem cá”, que, na Libras, corresponde ao sinal “CHAMAR”. O mesmo recurso é observado no excerto (3), quando o sinalizante 1 busca a atenção do sinalizante 2 ao iniciar o turno, introduzindo o tópico relacionado à indagação sobre o auxílio da associação de surdos.

Nos três casos apresentados, o turno é iniciado pelo marcador “vem cá”, que atua na introdução de um novo tópico. Castilho (2016) salienta que esses marcadores funcionam como elementos de abertura da conversação e podem se manifestar por meio de diferentes itens lexicais, acenos ou interjeições. Leite (2008), em sua pesquisa de doutorado, observa que os estudos sobre a gestão de turnos conversacionais em línguas de sinais indicam que o controle da troca de turnos na Libras não depende exclusivamente do acesso perceptual. Embora este constitua uma condição necessária, não é suficiente, uma vez que múltiplos

sinais comportamentais podem ser exibidos durante a interação, refletindo o nível de atenção do interlocutor.

O autor supracitado argumenta que, embora a orientação do corpo e da cabeça constitua manifestações comportamentais de atenção, outros recursos também influenciam a avaliação contínua realizada pelos participantes durante a conversação. Esse fenômeno é igualmente observado entre interlocutores de línguas orais-auditivas, nas quais a gestualidade pode ser empregada tanto para captar a atenção do ouvinte em uma nova inicialização de turno quanto para interromper o turno de outro participante. Dessa forma, verifica-se que tais ações ocorrem tanto nas línguas orais-auditivas quanto na Libras analisada, evidenciando que os sinalizantes acionam esse mecanismo durante a interação.

4. Considerações Finais

A interação em Libras, assim como nas línguas orais-auditivas, é marcada pela necessidade de gestão contínua dos turnos conversacionais. Esse paralelo evidencia que, apesar das diferenças modais, os princípios de organização conversacional apresentam elementos comuns, indicando como determinadas estratégias são mobilizadas para coordenar os turnos e assegurar a fluidez da interação. Nesse sentido, a análise comparativa permite compreender de que maneira a dinâmica interacional se manifesta em diferentes modalidades linguísticas, evidenciando a presença de mecanismos com funções semelhantes em línguas de sinais e línguas orais.

Os MDs atuam na organização e na manutenção do discurso, contribuindo tanto para a coesão textual quanto para a dinâmica interacional entre os interlocutores. São multifuncionais, assumindo diferentes papéis na conversação, o que evidencia que não se limitam a meros preenchimentos, mas constituem instrumentos pragmáticos essenciais para a comunicação. Eles auxiliam na organização da interação, na articulação do texto, no envolvimento entre os interlocutores, na contextualização do tópico da conversação, na administração dos turnos e na estruturação das unidades da cadeia linguística.

Como evidenciado no corpus, o marcador discursivo “vem cá” exemplifica o uso estratégico de MDs para iniciar turnos e conseguir a atenção do interlocutor, funcionando simultaneamente como recurso de introdução de tópicos e de organização sequencial da interação. Reconhecer a importância dos MDs é fundamental para o estudo da Libras, uma

vez que possibilita aprofundar o conhecimento acerca dos mecanismos de interação em comunidades surdas, contribuindo para a valorização da língua, a ampliação de sua visibilidade e o fortalecimento do reconhecimento social dessa modalidade linguística.

5. Referências

CAMPELO, A. R. e S. Sinais iniciais. In: QUADROS, R. M. de. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019. p. 17-20.

CASTILHO, A. T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp. 1989. p. 249-280.

CASTILHO, A. T. de. *A língua falada no ensino de português*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CASTILHO, A. T. de. Contribuições de Luiz Antônio Marcuschi para a linguística brasileira. In: ATAÍDE, C.; SILVA, A. P. da; SILVA, E. C. da. (Orgs.). *Gelne 40 anos*. São Paulo: Blucher, 2020. p. 21-48.

FREITAG, R. M. K. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. *ReVEL*, v. 7, n. 13, p. 1-15, 2009.

FREITAG, R. M. K.; SILVA, R. B. da.; EVANGELISTA, F. R. de S. Marcadores discursivos interacionais: diferentes metodologias, diferentes resultados. *Revista Diacrítica*, v. 31, n. 1, Ciências da Linguagem, p. 55-75, 2017.

GESSER, A. Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 47, n. 1, p. 223-239, jan./jun. 2008.

GESSER, A. *LIBRAS que língua é essa?* Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GÓES, M. C. R. *Linguagem, surdez e educação*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

LEITE, T. de A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários

em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MARCUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. *In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO A. P. Fala e escrita*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 57-84.

PRETI, D. A língua falada e o diálogo literário. *In: PRETI, D. (Org.). Análise de textos orais*. 4. ed. 1. v. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

QUADROS, R. M. de. *Língua de Herança: Língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M. de. *et al. Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro*. – Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. *Idéias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. de O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. *In: KOCH, I. G. V. (Org.). Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp/FAPESP, 1997. p. 21-94.

SCHIFFRIN, D. Discourse markers: language, meaning, and context. *In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. The Handbook of Discourse Analysis*. Malden: Blackwell Publishing. 2001. p. 54-75.